

## A CRÔNICA DE TOSTÃO: FRAGMENTOS DA RELAÇÃO ENTRE FUTEBOL E CULTURA

André Fernandes<sup>i</sup> (USP)

### **Resumo**

*O trabalho a seguir tem como objetivo analisar alguns aspectos da crônica do ex-jogador Tostão, a qual levanta pontos interessantes para a compreensão da relação entre futebol e cultura. Para José Miguel Wisnik<sup>ii</sup>, a maioria das análises sobre o jogo analisam elementos que o circundam, sem se dedicar à interpretação de elementos que partem da própria narrativa do esporte. Tais interpretações, no debate brasileiro, estão sujeitas à constante disputa para a delimitação de um ponto de vista preponderante, no qual conflitam, de acordo com Luiz Henrique Toledo<sup>iii</sup>, as visões dos torcedores, dos profissionais e da crônica especializada. Tostão se insere nesse debate por tentar conciliar a perspectiva técnica e tática com os elementos culturais que compõem o esporte bretão. Isso ficará evidente nesse trabalho, que buscará analisar os textos “Especialistas do óbvio (2007)”, “O mundo ideal e o real”(2009) e “Espaço e Movimento”(2013), publicados na Folha de São Paulo.*

**Palavras-chave:** Futebol, Cultura, Tostão

O seguinte trabalho foi apresentado na mesa “Jornais brasileiros, tradução, e a inserção de novos temas à literatura brasileira” da Abralic. Ainda que tangencie diretamente a questão da tradução, ele pode chamar a atenção por não se estabelecer, à primeira vista, uma conexão clara entre o tema trabalhado e sua possível contribuição para a literatura brasileira. Apenas à primeira vista.

Me debruçarei na análise de textos do ex-jogador Tostão em sua coluna no jornal “Folha de São Paulo”. A análise a respeito dos aspectos conceituais, primordialmente, que permeiam a obra do cronista incidirá mais especificamente sobre 3 textos: “Especialistas do óbvio” de 2007; “O mundo real e o ideal” de 2009 e “Espaço e Movimento”, de 2013. Os dois primeiros textos fazem parte da compilação de crônicas A perfeição não existe. O título do livro é bastante salutar para indicar o caminho que será seguido para tal análise: como conseguir conciliar elementos díspares de um objeto de estudo, no caso a emoção e a técnica que envolvem um jogo de futebol, em uma análise crítica, especialmente no espaço curto e limitado das crônicas de jornal? Partindo da ideia que o termo “perfeito” indica feito por completo, ou seja, feito em sua totalidade, o título nos encaminha também para a discussão que eu gostaria de propor à luz das ideias expostas pelo autor: como incluir o futebol em uma perspectiva cultural que busca contemplar a totalidade como elemento fundamental do olhar que se faz para os nossos objetos de estudo? Além disso, cabe especular: fora das limitações do gênero impostos pela crônica esportiva, seria possível tornar essa perspectiva mais próxima de uma análise bem sucedida dentro do meio acadêmico?

Antes de abordar diretamente as ideias do autor, cabe contextualizar como o futebol enquanto tema pode contribuir para a literatura brasileira, foco a ser debatido nessa mesa. Em uma época na qual a historicidade tem sido abandonada, a relação entre os objetos culturais (forma pela qual o trabalho pretende nomear o jogo de futebol) e o mundo que as compõe é cada vez menos presente nas análises críticas. Em meio à fragmentação da desenfreada da pós-modernidade, o futebol proporciona a possibilidade de estabelecimento

de uma perspectiva que ainda seja capaz de analisar o mundo a partir de uma totalidade. De acordo com Wisnik, em *Veneno Remédio*, o futebol poderia ser visto como “o elo perceptível que sobrou da relação entre a totalidade e as partes no mundo contemporâneo, ou como o fio tênue entre a pós-modernidade e a resistente *mise-en-scene* de valores que a modernidade dissipou.”<sup>1</sup>

Dentre as leituras contemporâneas que dialogam com essa perspectiva aplicada ao esporte-bretão, encontra-se a constatação do historiador inglês Eric Hobsbawm de que “o futebol carrega o conflito essencial da globalização”<sup>2</sup>, ou seja, seria um elemento que sintetizaria as principais discussões que acometem a contemporaneidade. Tal síntese ocorre uma vez que o jogo, assim como o seu entorno, coloca em debate a obnubilação da identidade do sujeito na pós-modernidade. De acordo com o próprio historiador inglês, a transição da identificação com o discurso de ideologias nacionais para a intensificação de identidades locais é evidenciada pelo crescimento da importância dos clubes em detrimento das seleções.<sup>3</sup>

Esse aspecto totalizante, mas não totalitário, é vislumbrado de certa maneira por importantes trabalhos acadêmicos recentes que tentam dar sentido ao jogo. A já mencionada obra de José Miguel Wisnik, “*Veneno Remédio*”, tenta esmiuçar características do todo do jogo, valorizando aquilo que, de acordo com o próprio autor, não faz parte apenas do seu “entorno”. A partir da tentativa de compreensão de elementos constitutivos da prática do esporte, o autor busca analisar como tais elementos podem ser usados como formas de leitura para a realidade brasileira.

A questão do todo também aparece na obra “*A dança dos deuses*”, do professor Hilario Franco Jr, do Dept de História Social da USP. Sob o ponto de vista do historiador, o autor caracteriza o jogo como um “fenômeno cultural total”, ou seja, que apresenta ramificações em diferentes áreas do conhecimento, o que é retomado ao longo de sua obra, que propõe, como complemento à visão do historiador, uma leituras antropológicas, sociológicas, religiosas, psicológicas e até linguísticas sobre o tema.

Outra obra de alcance oceânico sobre o jogo, e que merece grande destaque, é o texto “*Lógicas no Futebol- Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional*”, tese de doutoramento de Luiz Henrique Toledo. O autor analisa, a partir de um viés antropológico, como a visão a respeito do jogo é construída, passando pelo olhar dos profissionais (Boleiros), os especialistas (jornalistas) e dos torcedores. O autor merece destaque por chegar a um conceito importante que será retomado mais adiante, de “*Forma representação*”.

Sendo assim, não é possível afirmar que a epistemologia brasileira relacionada ao tema seja deficitária. Os três mencionados anteriormente são apenas exemplos, nem sempre convergentes, de abordagens que mostram como o jogo não se atém a apenas uma perspectiva. Dessa forma, ele constitui um objeto cultural complexo, e que por isso, merece atenção não apenas como tema para nossa literatura, mas como uma narrativa densa, a qual pode ser capaz de atribuir um sentido profundo a nossas explicações do mundo contemporâneo.

Se o jogo é, de fato, tão importante, por que, se ater à análise de crônicas de jornal? De acordo com Toledo, a difusão das ideias da mídia por meio de uma forma-representação de questões pautadas no senso comum modifica a visão de todos os atores sociais

<sup>1</sup> WISNIK, J.M. opus cit. P.18

<sup>2</sup> HOBBSAWN, E. “Futebol de hoje sintetiza a globalização.”, entrevista a Sylvia Colombo, *Folha de S. Paulo*, 30 set. 2007.

<sup>3</sup> HOBBSAWN, E. “As nações e o nacionalismo no novo século”. IN: *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007. P. 92

participantes do jogo e de seu entorno. De certa forma, a mídia é um dos meios que reproduz o que o autor intitula de forma-representação:

“Formas dizem respeito às configurações que alocam os jogadores espacialmente no gramado em função de determinadas tarefas a eles delegadas pelos técnicos ou comissões técnicas. Representações consistem nos ajustamentos num plano simbólico de tais formas ou padrões codificados, empiricamente observados em campo, repetidos à exaustão nos treinos, confirmados (ou não) numa partida e referendados (ou não) pela memória coletiva dos conjuntos de torcedores.”(TOLEDO, p.164)

Além disso, o autor delimita que há uma disputa de campo, à luz das ideias de Bourdieu, pela hegemonia de qual forma-representação deve ser a propagada pela mídia. Existe a crônica voltada para a emoção, tendência epitomizada na obra de Nelson Rodrigues, que chegou a cunhar o termo “idiotas da objetividade”, e os textos considerados práticos, os quais buscavam apontar aspectos técnicos das partidas. Há uma tensão evidente entre esses 2 universos, o que fica claro nessa fala de Armando Nogueira:

Minha tribuna é a solidão. O cronista vive mortificado na cruz atroz da equidistância (...)Diante do olhar pretensamente isento do cronista, desfilam o lírico, o patético, o cômico, o grotesco, o trágico, o sublime.(...)O cronista esportivo é um ser movido por um sentimento de justiça que o aproxima da solidão do árbitro, ponto morto do jogo, correndo como um fantasma na diagonal do campo. A imparcialidade me marca corpo a corpo a vida inteira, querendo arrancar do meu coração o doce espinho de uma sufocada paixão clubística(...)” (TOLEDO, p. 182)

A compreensão a respeito do lugar de aspectos formais (técnicos) e “conceituais” (o impacto do jogo no receptor) é fundamental para a leitura de qualquer objeto cultural. Se quisermos tratar o futebol como tal, condição imprescindível para essa análise, será necessário compreender como esses universos aparentemente autônomos dialogam entre si

Emerge , a partir disso, a importância da figura de Tostão. Mesclando a figura de profissional, por ser ex-jogador, com a de especialista, o autor mostra compreender a necessidade de relacionar as partes aparentemente impossíveis de se relacionarem como forma de compreender o jogo como um todo. No entanto, como será analisado a seguir, a dificuldade para conseguir conciliar esses universos gera textos extremamente fragmentados do ponto de vista estrutural. Ainda assim, a leitura da obra do autor é essencial por levantar temas extremamente importantes para a compreensão da relação existente entre os elementos que permeiam uma partida de futebol e características da sociedade contemporânea. Três tópicos serão abordados de maneira mais detalhada como forma de compreender a obra do autor: a oposição técnica x emoção; a relação possível entre tática e organização social; e a menção à ideia de “conhecimento cinestésico”.

Em “o mundo real e o ideal” o autor trabalha com a distinção entre o caráter supostamente ético do jogo em oposição à competitividade desenfreada que se agravou nos tempos atuais, como fica evidente nos trechos a seguir.

“(…)Um dos motivos relatados para o recente suicídio do goleiro Robert Enke, da seleção alemã, foi o medo que tinha do fracasso. Isso contribuiu

para piorar sua crônica depressão. Perder é morrer”

No mundo ideal, os atletas entrariam em campo só para jogar futebol, com alegria, e respeitariam companheiros, adversários, árbitros e auxiliares, além de tentar dar bons espetáculos.

NO mundo real, os jogos, em todo planeta, principalmente na América do Sul, estão cada dia mais tensos, tumultuados e violentos. Durante a semana, houve pancadaria em dois jogos no Brasil, um no Uruguai e outro na África.”

A listagem de oposições binárias entre o que deveria ser e aquilo que de fato ocorre no jogo mostram a visão aguçada do cronista em relação à onipresença dos elementos lúdicos assim como o caráter bárbaro que o futebol possui. De certa forma, adota uma visão dialética na qual o esporte seria não apenas uma forma cultural de caráter afirmativo da cultura, mas o compreende também como um reflexo, ou até mesmo um motivador, da barbárie social do mundo no qual ele está inserido.

O autor finaliza a crônica, no entanto, fazendo uma outra oposição entre o real e o ideal:

“ No meu mundo ideal, queria assistir aos jogos somente com o olhar de um poeta e de um apreciador das coisas belas e de um espetáculo. No meu mundo real, preciso ser também pragmático e um analista técnico e tático. Eu tento unir os dois mundos. Nem sempre consigo. Os dois se estranham.”

Ainda que haja a frustração quanto à incapacidade de unir os dois extremos, não alcançando a totalidade, há o reconhecimento da parte do autor da tensão que impediria a ação. A partir do texto de Tostão, podemos perceber que há indícios que nos permitem compreender de maneira mais próxima a relação entre o futebol e o mundo que o circunda, como examinados no excerto acima, do que a que diz respeito a elementos compositivos supostamente antagônicos do próprio jogo em si. Esse seria um ponto no qual uma análise mais aprofundada do jogo como objeto cultural poderia se debruçar para conseguir fugir da propagação de meras formas-representações, e leituras como a de Tostão são um catalisador para incentivar esse tipo de perspectiva.

Em “Espaço e movimento”, publicado antes do sucesso da seleção brasileira na Copa das Confederações, o autor aborda a necessidade de um jogo mais coletivo para a seleção brasileira. A partir disso, traz uma análise a qual tenta estabelecer o diálogo entre a organização tática e os efeitos os quais eles podem trazer para a compreensão do jogo.

“Todos os treinadores e armadores deveriam assistir aos jogos do Barcelona só para observar Xavi jogar, como ele faz a passagem da bola de um lado para o outro, de pé em pé. Xavi quase não erra passes porque é craque nesse fundamento e porque nunca dá o passe para o jogador marcado. Espera sempre o momento exato para tentar o passe decisivo.”

“Falta à seleção um atleta com esse estilo, com talento coletivo, agregador em campo, que aproxima jogadores de posições diferentes. A seleção possui volantes que marcam, meias-atacantes que driblam em velocidade e um centroavante fixo. Tudo compartimentado. É necessário misturá-los, sem perder a organização tática.”

O futebol brasileiro e a seleção precisam aprender e gostar de jogo coletivo. Hoje, com poucos craques, ele é importantíssimo. Essa dificuldade é, em parte, reflexo do narcisismo e do individualismo da sociedade.

O trecho final é extremamente positivo pois levanta uma questão pouco explorada, mesmo na academia: a relação entre a disposição tática e uma análise produtiva do conteúdo socio histórico do entorno do jogo a partir dela. Isso foi abordado por Norbert Elias, o qual afirma que

Se observarmos a movimentação dos jogadores no campo em permanente interdependência, podemos vê-los na realidade a formar constantemente uma configuração dinâmica. Nos casos de grupos ou sociedades mais alargadas, não se podem, de um modo geral, observar as configurações que os seus membros formam entre si - uma cidade, uma igreja, um partido político, um Estado - que não são menos reais do que a que é constituída por jogadores num campo de futebol, mesmo que não possam ser abrangidas de um só golpe de vista.”

(TOLEDO, p.81)

A análise de Tostão sobre a relação entre a tática e o individualismo é bem questionável. Não se sabe se esse fenômeno é típico do futebol brasileiro, como o autor dá a entender, e muito menos de que forma as especificidades da sociedade brasileira contribuem para esse processo. Ainda assim, como já ressaltado anteriormente, entende-se que a fragmentação problemática do texto não pode omitir a tentativa real de se estabelecer um nexo entre a organização tática como um dos elementos do jogo os quais poderiam ajudar na compreensão do futebol a partir do que ocorre em campo para, então, , refletir sobre os aspectos sociais nele inseridos.

O título do texto “espaço e movimento” indica a relação que o autor enxerga entre a ocupação dos espaços e a produção de sentido. Esse tópico também é de extrema importância para os estudos atuais por dialogar com um conceito chave para a compreensão da cultura por meio de uma visão da totalidade no mundo d após modernidade, a questão do mapeamento cognitivo, definida por Fredric Jameson. A partir de leitura das obras de Althusser e Lacan, o autor define a ideia como essencial na pós-modernidade por “permitir a representação situacional por parte do sujeito individual em relação àquela totalidade mais vasta e verdadeiramente irrepresentável das estruturas da sociedade como um todo.”

Em “ Especialistas do óbvio”, a questão do espaço é retomada de maneira interessante. O autor traz o conceito de inteligência cinestésica, que aborda a capacidade do jogador se situar dentro de campo.

“Coincidentemente, a Folha publicou no domingo uma ótima reportagem sobre a psicologia esportiva, feita pelos repórteres Guilherme Roseguini e Mariana Lajolo. Na matéria, o professor Renato Miranda, da Universidade Federal de Juiz de Fora, falou sobre a capacidade dos atletas de perceber os movimentos corporais, fenômeno que é chamado pelos especialistas de inteligência cinestésica.

Quando joguei ao lado de Pelé, antes de a bola chegar ao ataque, ele me mostrava, com seu expressivo olhar, que parecia ter um campo visual de 360 graus, tudo o que pretendia fazer. Enquanto tentava entendê-lo, Pelé, em uma fração de segundo, sem racionalizar, provavelmente calculava os movimentos e a velocidade dos companheiros, dos rivais, da bola e de todos os obstáculos que teria para chegar ao gol. Um gênio.

A menção se faz importante, pois, de maneira complementar ao que havia sido trabalhado em “Espaço e Movimento”, Tostão traz à tona o a relação não apenas entre o espaço ocupado e a produção de sentido, mas sobre como o caráter psicológico faz parte da produção de um saber corporal que é realizado na prática esportiva. A tentativa de compreender o lugar do indivíduo na totalidade pode ser uma forma de identificar a relação entre as manifestações que ocorrem dentro de campo como analogias às práticas dos homens do mundo contemporâneo. Dessa forma, o futebol poderia contribuir de maneira homogênea para uma discussão cultural ainda em aberto, como levantado por Fredric Jameson.

Conclusões e caminhos:

Sendo assim, pode-se afirmar que a crônica de Tostão delimita temas que permitem uma visão fora das formas-representações que permeiam o futebol. Ela aponta direções que podem ser seguidas caso o jogo passe a ser encarado como Objeto cultural – E esse pode ser o papel dos que estudam a literatura, pois nós temos o olhar analítico necessário capaz de, se não acabar, ao menos sanar a angústia de tentar unir a paixão e a técnica.

#### Referências Bibliográficas

TOSTÃO. A perfeição não existe. Paixão do futebol por um craque da crônica. 1ª ed. São Paulo, Três Estrelas.

WISNIK, J.M. *Veneno Remédio- o futebol e o Brasil*. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2008

JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo, Editora Ática, 1996.

HOBSBAWN, E. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_ “Futebol de hoje sintetiza a globalização”, entrevista a Sylvia Colombo, Folha de São Paulo, Mais!, 30 set.2007

TOLEDO, L.E. “Lógicas no Futebol :Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional” *Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Antropologia, sob a orientação do professor doutor José Guilherme Cantor Magnani*

---